

O autoritarismo em "O louco do Cati"

Cíntia Schwantes
UFPel

Narrativa de viagem, romance da ditadura, *O louco do Cati* permite filiações genéricas diversas. Vale dizer, permite várias leituras. O que se pretende fazer aqui é explicitar como os trânsitos e trajetórias empreendidos por seus protagonistas, o militante Norberto e o Louco, configuram uma reflexão sobre a ditadura de Vargas – de forma mais ampla, sobre o momento histórico vivido pelo país na época em que a narrativa é situada.

Norberto é obrigado a fugir da polícia durante a onda de prisões políticas desencadeada após o fechamento do Congresso e a decretação do Estado Novo, a 10 de novembro de 1937. Vale lembrar que o estopim da tomada do poder por Vargas foi a divulgação de documentos falsos de um pretense plano de levante comunista, que, não sendo verdadeiro, era não obstante verossímil, posto que em 1935 houvera uma ação armada, a Intentona Comunista, facilmente esmagada pelo exército. Facilmente, afirmam os historiadores hoje; não foi essa a versão divulgada na imprensa da época. Na verdade, tanto o governo quanto o próprio Partido Comunista Brasileiro, por motivos táticos diversos, afirmavam a força do comunismo no Brasil. Ao governo, interessava ter um inimigo visível e perigoso, cujo combate justificaria várias ações, nem sempre legais – a decretação do Estado Novo, por exemplo - e permitiria um espaço de negociação com a classe patronal, essencial para o estabelecimento do trabalhismo de Vargas¹. Para o Partido, já afeito, nessa época, à ilegalidade, dar a impressão de que ele tinha um contingente maior de militantes e portanto um poder maior, era parte de sua estratégia de sobrevivência². A perseguição e prisão de perigosos comunistas, dessa forma, era um troféu de guerra que o governo de Vargas precisava ostentar. É nessa situação conturbada que Norberto empreende sua fuga, levando consigo o Louco.

Na economia do romance, o personagem do Louco – inofensivo, assustado, sem alcançar compreender o que se passa a sua volta – funciona como um personagem paradigmático, que responde por toda uma população assustada, inofensiva, e que não alcançava, realmente, a compreensão do que se passava no país. Apesar do contexto político ter influência direta ou indireta em sua vida, o Louco não o alcança, e apenas se deixa levar. Ele acompanha Norberto sem ter idéia do motivo pelo qual o companheiro o adota, nem da situação que o leva a isso.

A trajetória de Norberto, por outro lado, é determinada por ele mesmo (embora em consonância com uma diretriz do Partido) até o momento da prisão, quando ele também perde o controle sobre a própria vida. Após a soltura, ele volta a tomar suas próprias decisões, e decide inclusive pelo Louco. A trajetória do Louco, por outro lado, nunca é determinada por ele mesmo; ele é sempre levado por circunstâncias alheias a sua vontade. Assim é que, no final do romance, ele acaba por se confrontar exatamente com a única coisa que ele desejava evitar. A única vontade manifesta do Louco é distanciar-se do Cati, e as peripécias de sua trajetória, nunca determinada por ele, acabam por levá-lo exatamente ao local de seus temores. De certa forma, o percurso do Louco, do qual ele é inconsciente a maior parte do tempo, replica a vivência do próprio povo durante a ditadura de Getúlio Vargas.

Em termos geográficos, a trajetória dos dois personagens começa em Porto Alegre: Norberto em fuga porque a polícia política está em seu encalço; o Louco “recrutado” para ser a cobertura de Norberto, uma vez que a polícia procurava um homem sozinho. A viagem à praia é um *divertissement*, pois o objetivo de Norberto é atingir a fronteira uruguaia mais acima, em Santa Catarina, onde ele espera encontrar uma vigilância mais relaxada. A marcação temporal também é bastante evidente: o passeio à praia acontece no verão, presumivelmente, posto que todos os passageiros do *Borboleta* (o estranho carro no qual Norberto havia embarcado no final da linha do bonde) entram alegremente em um banho de mar. Além disso, a paisagem é reiteradamente descrita como ensolarada, o que causa inclusive um contraste com as lembranças noturnas e hibernais do Louco.

No entanto, Norberto (e com ele o Louco) não chega a alcançar seu destino, sendo detido em Araranguá, apesar de ter tido o cuidado de se deslocar de Capão da Canoa a Torres a pé, com o louco, de modos a não deixar traços de seu itinerário.

A importância da marcação temporal reside no fato de que, indiretamente, ela nos permite relacionar os passos da trajetória de Norberto, e do Louco, a acontecimentos nacionais e internacionais. Não há datas explicitamente colocadas no texto, mas há indícios indiretos: as condições climáticas são constantemente indicadas, dando a dimensão da passagem do tempo. De forma análoga, fragmentos de diálogos entre personagens permitem precisar algumas datas. A narrativa inicia no verão, como parece indicar a presença de veranistas no hotel em que Norberto e o Louco se hospedam. A própria viagem ao mar não seria um expediente aceitável caso o tempo estivesse frio. À medida que a trajetória de ambos se desenrola, as marcações temporais avançam, passando do calor do verão a um suave início de inverno no Rio de Janeiro e a um inverno frio e chuvoso em São Paulo. Embora seja impossível determinar com precisão o tempo que Norberto e o Louco passaram presos, é possível afirmar que os eventos narrados no romance não chegam a abranger um ano inteiro. A narrativa inicia no verão (como eles chegam a Florianópolis em fevereiro, e do início do romance até este momento mediam cerca de duas semanas, a viagem começou entre a metade de janeiro e a metade de fevereiro, no máximo. Cerca de três meses após o início do Estado Novo, portanto) e termina no início da primavera. É possível determinar que o romance encerra-se no início de setembro de 1938, pois o cerco à cidade de Madri, durante a Guerra Civil Espanhola, é comentado por dois personagens, com opiniões diversas, no mês de setembro. A princípio, Madri resistiu resolutamente ao cerco das tropas franquistas, o que

possibilita a cada um dos personagens em diálogo um ponto de vista distinto: um deles afirma que Franco não havia tomado a cidade ainda por falta de vontade, e o outro, que “ali não tem pra ele”.

Isso nos leva a outra conclusão: conforme a marcação temporal do final da viagem, e localizando seu início no verão anterior, embora sem a precisão do mês, temos que Norberto foi obrigado a fugir (adotando inclusive um nome falso) logo após a decretação do Estado Novo. Nesse caso, provavelmente, ele fazia parte da estrutura visível do Partido. Aos companheiros de prisão em Florianópolis, ele narra sua viagem ao Rio da Prata, o que indica uma provável ligação com o Secretariado da América Latina, ligado ao PCURSS, que procurava unificar a luta em prol da revolução socialista nos países da América Latina.

No entanto, são apenas sinais indiretos que permitem a filiação de Norberto ao Partido Comunista, visto como ela jamais é explicitada no romance. Ela pode ser depreendida através de alguns índices: o primeiro é a própria cor de seu cabelo, visto como ele é ruivo, e o fato de ele ter adotado um codinome. É, porém, por seu discurso, que é mais visível a sua filiação. Na página 24, ele chama o “seu” Ricardo (dono de uma estância, do hotel e de uma empresa de transportes) de polvo, um epíteto empregado para qualificar os “capitalistas”, e um pouco adiante, após a fuga do Louco, conta a história da fortaleza do Cati em uma chave marxista, afirmando que o homem não é o mais importante, mas as condições sociais; se não fosse aquele, um outro faria o mesmo. Outro de seus termos é “discussão estéril”, um vocabulário que remete às reuniões do partido. Ele apresenta também algum treinamento; seu passo é firme, “quase militar” (p. 60)

A trajetória seguida pelo Louco em companhia de Norberto tem seu início em Porto Alegre, de onde eles vão a Tramandaí, e dali a Capão da Canoa. A essa altura, os dois separam-se da comitiva do *Borboleta*, e seguem a pé até Torres, onde Norberto compra duas passagens do Expresso do Nordeste com destino a Araranguá. Presos, eles seguem para Crisciúma, Urussanga, Orleans, Palhoça, Santo Amaro, São José e Estreito, chegando afinal a Florianópolis.

Neste ponto de sua trajetória, Norberto sofre um choque, pois é preso em uma sala “sem luz e sem vícios” – sem cigarros, juntamente com outros presos, possivelmente políticos, pois eles deliberam fazer uma greve de fome “até o fim” – ou até conseguirem o acesso à luz solar. Norberto faz a eles o relato de sua viagem ao Rio da Prata. Porém, logo no início da greve, Norberto e o Louco prosseguem sua trajetória. O delegado considera-os “um tesouro”, que ali permaneceria “tecnicamente inaproveitado”, e delibera enviá-los para o Rio de Janeiro.

Eles são embarcados em um pequeno navio, onde, ao tentar tirar a barba, sua e do Louco, Norberto descobre que a ausência de informações sobre o companheiro, ao invés de desqualificá-lo diante do aparato policial, torna-o mais precioso: ele é considerado o mais perigoso dos dois. Quando chegam a Santos, ainda está quente. É impossível precisar o tempo de prisão, mas Norberto, depois de solto, providencia que o Louco também o seja e a marcação temporal, embora não seja precisa, indica maio ou junho como a época da soltura do Louco. Após algum tempo, em que Norberto delibera permanecer no Rio, conseguindo mesmo um emprego em um jornal, ele acha conveniente mandar o Louco de volta “ao Rio Grande”. A maneira mais fácil é conseguindo uma passagem na polícia, que afinal os havia levado ao Rio de Janeiro à revelia de sua vontade. Norberto consegue uma passagem marítima, em seu nome, mas o Louco externa o desejo de ir por terra, porque, ele afirma, “eles vão me levar para o Cati” (p. 163). Não obstante, ele embarca, aos cuidados de um capitalista e sua companheira de viagem. Eles resolvem desembarcar em Santos, e seguir por terra a São Paulo, e levam o Louco consigo. Em São Paulo, em agosto, a moça presenteia o Louco com uma capa de chuva, que ele conservará até o final da narrativa.

De volta ao navio, o capitalista leva consigo o Louco, mas desembarca em Paranaguá, deixando-o aos cuidados do médico de bordo, o doutor Valério, que segue com ele até Florianópolis, onde o embarca em um caminhão, cujo motorista, gaúcho também, seguia para Lajes (sic), via Bom Retiro. Na casa do motorista, Geraldo, que funcionava quase como um albergue, o Louco fica hospedado até meados de agosto. Neste momento, ele lembra de episódios de sua viagem de ida. Na página 204, o Louco contrasta a lembrança do trecho que antecede Florianópolis (Palhoça, Santo Amaro e São José) na viagem de ida, quando era verão, e na de volta, já em pleno inverno. Na página 215, a lembrança é ainda mais significativa: à menção do mês em que fora comprado um chapéu, fevereiro, o Louco recorda que no mês de fevereiro “(...eles estavam num quarto escuro, lá mesmo... Empenhavam-se numa luta... *A tarefa era não comer!*).

Geraldo recomenda o Louco para um conhecido que estava retornando ao Rio Grande do Sul, o coronel. O Louco vai com ele, de carro, até Caxias, passando por Vacaria e Antonio Prado. De lá, tomam o trem, que os leva a São João do Montenegro, e daí até Santa Maria. Em Cacequi, o Louco sugere que passem por Livramento e Quaraí, e o coronel acede, tanto por motivos sentimentais (é sua cidade natal) quanto por motivos práticos (há um negócio de seu interesse que poderá ser fechado lá). No entanto, a chuva os prende em Livramento. O coronel, que afirmava que nunca voaria, resolve pegar um avião para não ficar imobilizado, e leva consigo o Louco. O avião decola na primeira estiagem, mas, como o tempo fecha mais adiante, o piloto resolve fazer um pouso de emergência a quatro léguas do Cati. Após os seus dois confrontos com o que ele pensava ser o Cati (as instalações de aspecto algo militar do hotel do “seu” Ricardo e a Casa de Detenção), o Louco vai finalmente confrontar-se com a fonte de seus terrores – e vencê-la.

A trajetória que o Louco fez, e que o capacitou a alcançar sua vitória contra os fantasmas do Cati não foi apenas geográfica, foi também, e talvez principalmente, histórica. Suas memórias hibernais, que se intercalaram aos acontecimentos do verão, remetem a um período histórico no qual as instituições políticas, pouco consolidadas, utilizam-se largamente da violência. O espaço para a participação popular restringia-se ao voto, quase como regra de cabresto, e a engajar-se em lutas que não eram suas, nas guerras e revoluções, uma vez que os partidos políticos eram todos voltados para a defesa dos interesses das elites (que nem sempre eram coincidentes). Suas memórias, na primeira parte da narrativa, remetem a episódios particularmente violentos da história do Rio Grande do Sul: a Revolução Federalista, liderada por Silveira Martins, que moveu uma guerra de guerrilha contra o governo de Júlio de Castilhos, de 1893 a 1895, e a insurreição contra Borges de Medeiros, liderada por Assis Brasil em 1923. A primeira faz parte dos fantasmas de sua infância, vindos das conversas e memórias dos adultos que o rodeavam, e consiste de uma memória vicária da violência. A segunda é uma memória pessoal, de um episódio que ele presenciara na infância: um prisioneiro sendo levado para ser executado no Cati.

Ao ser levado por Norberto para ser sua cobertura, o Louco entra em contato com o único partido que defendia os interesses do proletariado, àquela altura dos acontecimentos. O grande impacto desse contato reside no fato de que o Louco passa de mero paciente dos acontecimentos históricos, a agente (ainda que coadjuvante). Essas são as lembranças que irão ocupar o seu imaginário na viagem de volta: no frio e na chuva, ele relembra dos acontecimentos do verão anterior: seu engajamento, sua participação em uma ação coletiva que – ao menos potencialmente – mudaria o rumo dos acontecimentos.

É esse trânsito que capacita o Louco a enfrentar, e vencer, a fortaleza do Cati: ele passa de um país semi-bárbaro a um país moderno (e seu trânsito geográfico inclui tanto a capital, centro político, quanto São Paulo, centro industrial, de um país que se moderniza lentamente e a altos custos). Após seu engajamento involuntário no Partido Comunista e

através dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua viagem de ida, bem como de volta (que funciona como espaço de reflexão), o Louco está pronto para enfrentar a fortaleza do Cati. Dela, ele só encontra ruínas, após uma trajetória ao longo de um corredor, durante a qual ele teme perder o senso da própria humanidade, o que configura um rito de passagem, para o qual ele se encontra, a essa altura, pronto.

O Louco não apenas encontra as ruínas do monstro, marca evidente de sua derrocada. Ele as encontra no exato momento em que a chuva inesperada e inoportuna pára, no meio da tarde, e um sol dourado irrompe de entre as nuvens. Suas feições se distendem, e ele compreende que sua fuga acabou. “Agora” – diz-nos o narrador – “é que se via quanto ainda era moço...” (p.264). Dessa forma, o romance termina com o bom tempo que vem regularizar um período de turbulência inesperado e inexplicável, e com a nota positiva configurada pela afirmação da juventude do Louco.

Os trânsitos e trajetórias empreendidos pelo Louco do Cati são aqueles que o país lhe possibilita – portanto os que o próprio país, de alguma forma, atravessou. Assim, a vitória deste personagem paradigmático é uma vitória do povo contra as ditaduras que periodicamente eclodem ao longo de sua história.

Notas

¹ O espectro do comunismo era útil para Vargas, por permitir a vinculação das instâncias trabalhistas (sindicatos, o próprio PTB) ao Estado. Para a classe patronal, isso significava a garantia de que as manifestações operárias não ultrapassariam um limite aceitável, o que a levou a aceitar a CLT e a organização sindical como um mal necessário. Para a classe operária, este era o espaço permitido de articulação política.

² O Partido Comunista Brasileiro foi fundado em março de 1922 e embora tivesse se constituído nos moldes do Código Civil, foi posto na ilegalidade. De janeiro a agosto de 1927 o Partido funcionou legalmente. Então, o governo de Washington Luís reforça a Lei de Imprensa com a chamada “Lei Celerada”, que remete o Partido novamente para a ilegalidade. Nesse período, várias formas de sobrevivência do PCB foram implementadas: a estrutura oculta do partido foi organizada, e foi fundado o Bloco Operário e Camponês, que chegou a eleger, em 1928, deputados estaduais e vereadores em São Paulo, Santos, Recife, Niterói e Rio de Janeiro, embora somente um deputado e oito vereadores tenham conseguido tomar posse.

Referências Bibliográficas

- FONSECA, Pedro César Dutra. *As fontes do pensamento de Vargas e seu desdobramento na sociedade brasileira*. In RIBEIRO, Maria Thereza Rosa (org.). **Intérpretes do Brasil** - leituras críticas do pensamento social brasileiro. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- GRAWUNDER, Maria Zcnilda. **Instituição Literária**. Análise da legitimação da obra de Dionélio Machado. Porto Alegre: EdPUCRS/IEL, 1997.
- IANNI, Octavio. **O labirinto latino-americano**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MACHADO, Dyonélio. **O louco do Cati**. São Paulo: Vertente, 1979.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil de Getúlio a Castelo**. 5ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura do Rio Grande do Sul**. 2ª ed, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.